

SOBRE A MÍDIA E OS SEUS ARQUIVOS: O SUJEITO MULHER COMO ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO

Silmara Dela Silva¹

A proposta que trazemos neste trabalho, para pensar a articulação entre discurso, história e arquivo, visa a mobilizar a noção de arquivo em análise de discurso com foco em sua produtividade para a compreensão do funcionamento dos discursos da e na mídia. Assim, buscamos dar continuidade aos trabalhos que vimos desenvolvendo, alguns individualmente (DELA-SILVA, 2014, 2013, 2011), outros em parcerias (DELA-SILVA; LUNKES, 2014, ROMÃO; LEANDRO-FERREIRA; DELA-SILVA, 2011), acerca da questão do arquivo, desta vez, pensando a entrada dessa noção na teoria e a possibilidade de sua articulação ao acontecimento jornalístico, que temos entendido como um acontecimento do discurso, uma prática discursiva (DELA-SILVA, 2015).

Iniciamos o nosso percurso pela relação do arquivo com o discurso e com a história. Jacques Guilhaumou, na introdução de seu livro “Linguística e história: percursos analíticos de acontecimentos discursivos” (2009), afirma que a noção de arquivo passa a integrar a análise de discurso justamente pela necessária articulação entre esses dois campos: o do discurso, pensado pela via da linguística estruturalista, e o da história. Ao traçar um panorama de como a relação entre discurso e história foi se delineando – e delineando a análise de discurso ou, em suas palavras, “*a análise de discurso do lado da história*” – ao longo de três décadas (1970/1980/1990), Guilhaumou (2009, p. 24) sustenta que “uma nova atenção ao arquivo que se opera, a partir dos anos 1980” foi responsável por encaminhar a

¹ Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Linguagem, Instituto de Letras, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista da FAPERJ (Edital Jovem Cientista do Nosso Estado 2015/2017) e pesquisadora do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS). É jornalista e doutora em Linguística, com pesquisas na área de análise de discurso. E-mail: silmaradela@gmail.com.

constituição de “um *ferramental metodológico* até hoje atual e que transbordou largamente a análise de conteúdo”.

Em seu relato, Guilhaumou (2009) afirma que é na década de 1980 que a noção de arquivo encontra seu lugar no projeto da análise de discurso que se desenvolve na França, em torno das propostas de Michel Pêcheux e seu grupo, consolidando a proximidade entre a linguística e a história. Diferentemente de em seu início, na década de 1970, quando, segundo Guilhaumou (2009), essa aproximação entre história e linguística já se estabelecia, mas tão somente via a noção de condições de produção do discurso, na década seguinte, a reflexão sobre o arquivo e as suas leituras subjacentes teria permitido o delinear de uma metodologia específica de análise do linguístico em seu funcionamento no interior de um arquivo textual, o que significaria um avanço na proposta de se depreender a língua em sua materialidade inscrita na história. Nos termos de Guilhaumou, dessa perspectiva:

O arquivo não é simplesmente o conjunto de textos produzidos por uma sociedade. Material bruto bastante explorado tanto por historiadores clássicos quanto por historiadores do discurso, mas a partir do qual o historiador do discurso não privilegia a busca de estruturas sociais ocultas; diferentemente, ele é, principalmente, um dispositivo, não regulado *a priori*, de enunciados que constituem figuras, objetos e conceitos distintos. Dessa maneira, cada dispositivo de arquivo estabelece sua própria ordenação. (GUILHAUMOU, 2009, p. 27).

O arquivo, que tradicionalmente vinha sendo pensado somente em sua estabilidade, enquanto um conjunto de materiais dados, passa a ser tomado em sua opacidade, como um discurso, cujo funcionamento não pode ser dissociado de seus modos de constituição. “O arquivo não é um simples material de onde se extraem fatos de maneira referencial; ele participa sobretudo de um *gesto de leitura* no qual se atualizam as configurações significantes, os dispositivos de significações de enunciados atestados”, nos diz Guilhaumou (2009, p. 125, *itálicos do autor*). Conforme o autor, esse olhar para o arquivo trará contribuições para o historiador do discurso, ao possibilitar que, a partir do movimento para “descrever *as configurações de arquivos* significativas”, o analista desenvolva “uma abordagem linguística refinada”, voltando-se a enunciados recortados para análise “com base em critérios

lexicais, sintáticos ou enunciativos” (GUILHAUMOU, 2009, p. 29-30, *itálicos do autor*).

Desse modo, o historiador do discurso passa a recortar enunciados, com vistas a apreender o seu funcionamento no interior do arquivo, articulando “descrição e reflexão” (GUILHAUMOU, 2009, p. 27). É o que fazem Guilhaumou e Maldidier (2010), por exemplo, quando analisam o enunciado “Pão e x” no contexto sócio-histórico da Revolução Francesa. Naquele caso, diante de “um vasto leque de arquivos: do grito do povo amotinado que chega até a justiça até o tratado de economia política, passando pela correspondência dos intendentés, a obra literária ou o debate da assembleia etc.” (2010, p. 163), os analistas recortam dois dispositivos de arquivo significativos para compreensão daquele processo discursivo, que se articulam ao redor dos termos “subsistência” e “pão”. É a partir desses dispositivos que eles constituem o *corpus* de análise, ou seja, que podem delimitar entradas no arquivo que possibilitarão a análise discursiva.

O arquivo ganha, assim, uma relevância metodológica na teoria do discurso, uma vez que possibilita a apreciação das materialidades – um olhar para as suas regularidades –, permitindo ao analista estabelecer critérios para a constituição de seu *corpus* discursivo. Conforme Guilhaumou (2009), o interesse pelo arquivo e a sua produtividade para se pensar a relação entre o linguístico e o histórico no discurso fará com que Pêcheux lidere o grupo de pesquisa “Análise de discurso e leituras de arquivo”, constituído no contexto francês do início da década de 1980. Em suas reflexões a esse respeito, Pêcheux ([1981] 2010) irá sustentar a necessidade de se considerar as regras de criação e gestão dos arquivos, bem como a divisão social do trabalho de leitura dos arquivos que se opera em nossa formação social, proposta que nos aponta para uma visada discursiva sobre os arquivos textuais, que, enquanto discursividades, devem ser considerados em suas condições de constituição, formulação e circulação de sentidos. Entendemos, com isso, que o arquivo na análise de discurso não é simplesmente um conjunto de dados, mas essas materialidades pensadas a partir de seu lugar institucional e de sua historicidade. O analista de discurso dirige-se ao arquivo textual considerando

as suas condições de produção, com vistas a perceber as evidências de sentidos que produz e as discursividades que nele se constituem.

Em nossa formação social, temos que a mídia desempenha papel relevante na constituição de arquivos textuais, que nos últimos anos se multiplicaram graças à informática e às tecnologias de conexão em rede. Tais arquivos costumam ser significados como se fossem o “conjunto de textos produzidos pela sociedade”, se retomamos os termos de Guilhaumou (2009, p. 27), funcionando de modo a apagar o fato de que um arquivo sempre é não-todo. Ou como nos diz Guilhaumou (2009, p. 125): “o arquivo de uma época não é nunca descritível na sua totalidade, ele se dá a ler por fragmentos: sua descrição é sempre aberta...”. Como afirma Pêcheux, em “Análise de discurso e informática” (1981), texto em que apresenta observações acerca do andamento dos trabalhos do grupo de pesquisa “Análise de discurso e leituras de arquivo”: “Um corpus de arquivo textual não é um ‘banco de dados’.” (2011, p. 281). Por isso, diante desses arquivos que são oferecidos pela mídia como se fossem simples “bancos de dados”, imaginariamente acessíveis e facilmente acessáveis, pensamos que cabe ao analista de discurso empreender uma leitura de arquivo com vistas à constituição de *corpora* discursivos, que de imediato apontarão que a leitura que se faz na linearidade desses arquivos textuais não é a única possível. Cabe à análise de discurso, conforme Orlandi (2007, p. 61), “compreender como ele [o texto] produz sentido e isto implica compreender tanto como os sentidos estão nele quanto como ele pode ser lido.”.

Assim, de modo semelhante ao empreendimento dos historiadores do discurso, que na década de 1980 viram na noção de arquivo um recurso metodológico para a análise de discurso, voltamo-nos aos arquivos da mídia para pensar seu funcionamento na atualidade. Neste caso, ao analista de discurso compete equivocar a própria noção de arquivo, compreendida no senso comum como “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”, retomando Michel Pêcheux (1981, p. 51), para mostrar o modo como na aparente homogeneidade dos arquivos constituídos pela mídia com as suas publicações inscreve-se, conforme Pêcheux, no “jogo entre o mesmo e o outro, que caracteriza a

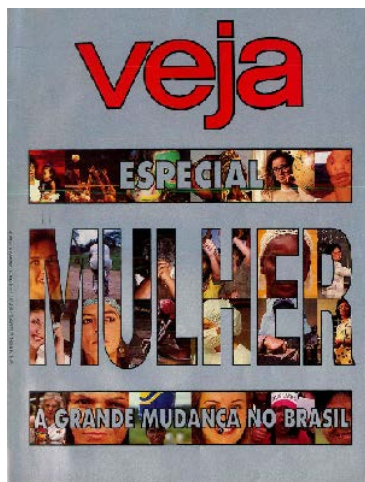
heterogeneidade contraditória de todo campo de arquivo” (2011, p. 281), jogo este não apreensível pelos métodos automatizados de leitura de arquivos.

Compreendendo o arquivo discursivamente, voltamo-nos à noção de acontecimento jornalístico, que temos mobilizado na tentativa de pensar as práticas jornalístico-midiáticas enquanto discursos. Como temos sustentado, o acontecimento jornalístico “consiste em uma construção do jornalismo, enquanto uma prática discursiva da/na mídia e, como sabemos, a existência discursiva não se confunde com a existência empírica dos acontecimentos, quaisquer que sejam eles.” (DELA-SILVA, 2015). Ao lado da noção de acontecimento histórico (LE GOFF, 1996), entendemos o acontecimento jornalístico como uma prática da/na mídia que instaura discursividades, produzindo efeitos de sentidos para e por sujeitos, em determinadas condições de produção (DELA-SILVA, 2015). Sendo o jornalismo também uma prática de constituição de arquivos textuais, entendemos que a noção de arquivo, como pensada na análise de discurso, mostra-se bastante produtiva para a análise desses discursos; como já trouxemos de Guilhaumou (2009), é no interior do arquivo que se deve depreender o funcionamento de uma materialidade discursiva, que é, ao mesmo tempo, linguística e histórica. Como pensamos o acontecimento jornalístico discursivamente, acrescentamos que é no interior do arquivo, em suas condições de constituição, formulação e circulação, que podemos depreender um acontecimento jornalístico em seu funcionamento.

A materialidade discursiva sobre a qual ora nos detemos pôde ser recortada a partir de um gesto de leitura que empreendemos sobre um arquivo textual produzido pela mídia. Trata-se do chamado Acervo Digital da revista *Veja*, que reúne na íntegra as edições semanais da revista que se apresenta como sendo de informação. Enquanto um arquivo textual, o Acervo Digital dispõe as revistas sequencialmente, por ordem cronológica de publicação, separadas entre “Edições de *Veja*” (que reúne as edições regulares da revista) e “Edições Especiais”. Na sequência cronológica das Edições Especiais, é em agosto de 1994 que entra em circulação a primeira dessas edições nas quais a revista não se ocupa de uma personalidade ou de um evento em especial, como em suas demais publicações

desse tipo; mas volta-se a uma condição do sujeito na atualidade, ao trazer a seguinte chamada de capa: “Especial mulher. A grande mudança no Brasil.”.

Em nosso gesto de leitura desse arquivo, propomos justamente seguir a indicação de Pêcheux ([1981] 2010) de não considerar apenas a evidência do arquivo textual, como conjunto de documentos a que se tem acesso, mas depreender as discursividades que o constituem. Com base no enunciado “Especial mulher”, que se marca nas capas das publicações, centramos o nosso gesto de análise em uma série que compomos com as seis dessas edições especiais que são dedicadas à mulher, que circularam entre os anos de 1994 e 2010, cujas capas apresentamos na figura 1:



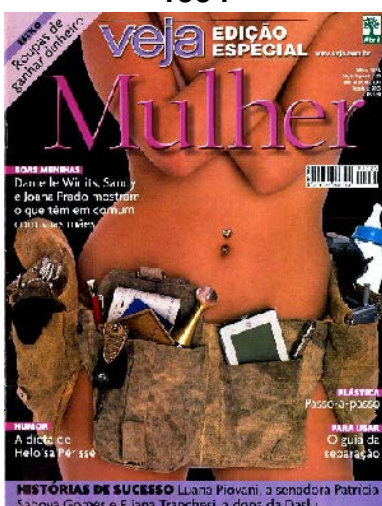
1994



2001



2002



2003



2007



2008

Figura 1: Edições especiais de *Veja* sobre a mulher, um percurso de arquivo

As seis capas de revista que apresentamos na figura 1 são parte de um acervo eletrônico que, do ponto de vista jornalístico, funciona como um grande arquivo textual, com “mais de 350.000 páginas”, como destacado em seu texto de apresentação (ACERVO DIGITAL, 2014). Na série que recortamos para a constituição de um *corpus*, voltado à análise do sujeito na atualidade como um acontecimento jornalístico², temos um gesto de leitura de arquivo, que nos permite olhar para uma discursividade sobre a mulher, em seu funcionamento na mídia. Sob o rótulo “especial mulher”, que marca o acontecimento jornalístico em questão, configura-se também um dispositivo de leitura de arquivo, que reúne dizeres sobre a mulher materializados nas capas da publicação semanal no período de 1994 a 2008.

O arquivo textual pode apontar jornalisticamente para uma repetição: é da mulher que se diz novamente, em diferentes momentos, sempre a partir de uma necessidade de se dizer transformada em evidência pela própria mídia. É uma pesquisa encomendada pela própria publicação acerca da situação das mulheres no Brasil que motiva a edição especial que inaugura a série, em 1994; e serão, igualmente, ações da mídia pela mídia as motivadoras das cinco edições que circularão posteriormente. Fala-se da mulher em todos os casos, mas não é da “mesma mulher” que se fala. Um breve olhar para as materialidades discursivas que compõem a capa de cada edição já nos aponta para efeitos de sentidos outros, que passam dos diversos rostos anônimos que se deixam flagrar entre os espaços limitados da escrita da primeira capa, passando pelos corpos que se dão a ver nas três capas seguintes, e chegando aos rostos em close da atriz norte-americana Angelina Jolie e da então primeira-dama francesa Carla Bruni, que encara o leitor, posicionada acima do título (“Poderosas”), que se destaca na parte inferior da capa da revista.

É a leitura de arquivo – do arquivo considerado discursivamente, como nos propõe Pêcheux ([1981] 2010) – que nos permite chegar a esta série, cuja análise nos permitirá dizer do funcionamento discursivo do acontecimento jornalístico da

² Em consonância à proposta do projeto de pesquisa docente *Do acontecimento jornalístico às práticas discursivas: o sujeito no discurso da/na mídia* (FAPERJ – Edital Jovem Cientista do Nosso Estado 2015/2017), em andamento no Departamento de Ciências da Linguagem, Instituto de Letras, UFF.

mulher na mídia. Não se trata apenas de uma consulta ao acervo como um conjunto de textos, como se fosse uma base de dados, pois, como afirma Pêcheux ([1981] 2011, p. 281), “as ambiguidades, metáforas e deslizamentos próprios às línguas naturais são propriedades incontornáveis do campo da análise de discurso, que se diferencia por essa razão mesma de toda perspectiva estritamente informacional, documentária ou ‘intelectiva’”.

REFERÊNCIAS

ACERVO DIGITAL *Veja* – Edições Especiais. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em 10 out. 2014.

DELA-SILVA, S. Do acontecimento jornalístico como prática discursiva: imagens do sujeito na mídia. Apresentação oral durante o // *SEDISC* – Seminário Discurso, Cultura e Mídia. Unisul, junho de 2015.

_____. O arquivo da felicidade: apontamentos sobre a noção de arquivo e o seu funcionamento no discurso da mídia. In: *Anais do VI SEAD -Seminário de Estudos em Análise do Discurso* [recurso eletrônico]. Porto Alegre-RS: UFRGS, 2013. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/6SEAD/SIMPOSIOS/OArquivoDaFelicidade.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

_____. Discurso, arquivo e saber: a mídia na constituição de arquivos na atualidade. In: MARIANI, B.; MEDEIROS, V.; DELA-SILVA, S. *Discurso, arquivo e...* Rio de Janeiro-RJ: 7 Letras/FAPERJ, 2011. p. 234-244.

_____. Mídia, arquivo, rede eletrônica e o (não) lugar da interpretação no jornalismo. Apresentação oral durante o // *SEPLEV* – Seminário de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual. UFPE, novembro de 2014.

DELA-SILVA, S.; LUNKES, F. E o casamento acabou: uma análise do arquivo de *Veja* sobre o imaginário da mulher divorciada. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 9, n. 11, p. 135-148, 2014.

GUILHAUMOU, J. *Linguística e História: percursos analíticos de acontecimentos discursivos*. Coordenação e organização da tradução de Roberto Leiser Baronas e Fábio Cesar Montanheiro. São Carlos: Pedro & João, 2009.

GUILHAMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, E.P. (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*, 3 ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 161-183.

LE GOFF, J. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et. al.]. 4 ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1996.

ORLANDI, E. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5 ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.

PÊCHEUX, M. [1981]. Análise de discurso e informática. Tradução de: Eni P. Orlandi. In: *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Textos selecionados por: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas-SP: Pontes Editores, 2011. p. 275-294.

_____. Ler o arquivo hoje. Tradução de: Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. In: ORLANDI, E.P. (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 3 ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 49-59. Tradução de: *Lire l'archive aujourd'hui*, 1981.

ROMÃO, L.M.S.; LEANDRO-FERREIRA, M.C.; DELA-SILVA, S. Arquivo. In: MARIANI, B.; MEDEIROS, V.; DELA-SILVA, S. (Orgs.). *Discurso, arquivo e....* Rio de Janeiro: 7 Letras/FAPERJ, 2011. p. 11-21.